

# Plutos

(2.<sup>a</sup> ed.)

## COMEDIA DE ARISTOFANES

(Trad., pref., e notas de A. Lobo Vilela)

(«Seara Nova», Lisboa, 1940)

Plutos é uma das mais belas comédias do mais célebre comediógrafo da Grécia antiga (452-387 A. C.). Em *Plutos*, que é uma sátira admirável ao espírito burguez, em que os valores sociais são medidos pela riqueza de haveres, Aristófanes «ocupa-se da forma caprichosa como o deus procede à distribuição das riquezas, dispensando aos maus os seus favores e esquecendo-se dos homens de bem». Porque Plutos é cego; e Crémilo, por sugestão do Oráculo, leva Plutos ao templo para que a vista lhe seja restituída e possa assim ser mais justo nas suas oferendas. Restituída a vista a Plutos, os protestos chovem de tóda a parte: um sicofanta acusa o deus de conspirar contra a república; uma velha queixa-se de ter perdido um amante, que era pobre; Hermes faz-se parasita de Crémilo; o sacerdote de Zeus abandona o deus dos deuses e consagra-se ao culto de Plutos.

Tal é rapidamente, o tema da comédia.

Das palavras com que Lobo Vilela a prefacia só temos a dizer que raramente se vê tratada com tanta exactidão e brevidade, numa sùmula, essa questão, importantíssima para a compreensão duma obra literária, que é o ambiente histórico em que ela se criou.

como «um verdadeiro breviário do moderno trabalhador profissional». Já algures tive ocasião de verberar os métodos da Editora Argo, quando me referi à maneira como foi traduzido o título de um caderno sobre a natureza da economia. Mais uma vez sou forçado a censurar que se apresente como «um verdadeiro breviário do moderno trabalhador profissional» o que não passa — mesmo com benévolo critério — de um acervo de lugares comuns, propinados de mistura com grande número de citações eruditas. O Autor é um espírito caótico, que tem dos assuntos que trata uma visão «ultra-facetada», colhida na leitura de tóda a casta de autores — bons, maus e péssimos. Nunca li nenhum livro de Cruz Malpique em que não super-abundassem as citações e transcrições e em que o ensaista de onde em onde vágamente pressentido não viesse a transformar-se, a-final, no moralista de artigo de fundo.

Um exemplo. A introdução deste trabalho compreende uma série de considerações sobre o trabalho manual e intelectual, a ociosidade e o despôrto, (incluindo a actividade científica!). O trabalho aparece visto de três lados: como actividade que «desempenha um papel altamente reparador»; como «dever social»; e «como meio de ganhar o necessário ao estômago e adjacências». A ociosidade é assim caracterizada: o Diabo é um pescador de homens e os que mais facilmente «caem» são os preguiçosos, porque mesmo sem isca comem o anzol (*sic*); quem vive na ociosidade está sugando o sangue alheio; etc.

Poderia continuar. Mas não vale a pena. Ocuparia espaço e enfadaria o leitor. — E. R.

## trabalho e profissão

CRUZ MALPIQUE

(Colecção «Mosaico da Cultura»  
«Editora Argo», 1941)

O Dr. Cruz Malpique — autor da *Introdução à vida intelectual* e de *O homem centro do mundo* — acaba de publicar uma obrinha intitulada *Trabalho e profissão*, que a Editora Argo anuncia na dobra interior da capa

## a origem da penalidade

HENRIQUE GERLAND

(Colecção «Mosaico da Cultura»  
«Editora Argo», Lisboa, 1940)

Nêste caderno procurá estudar-se a origem da penalidade considerada *em si* (*sic*), independentemente do seu conteúdo ou da sua função (pág. 8). O Autor perde-se em vagas hipóteses e nebulosas explicações,